



O Militante

BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

DUAS GRANDES TAREFAS DO MOMENTO : ORGANIZAR E DEFENDER O PARTIDO

A Resolução da Comissão Política de Setembro de 1960 sobre problemas de organização publicada no último número de «O Militante» tem significado e importância consideráveis. A Comissão Política traz de novo ao primeiro plano da actividade do Partido uma tarefa primordial há muitos anos menosprezada: a tarefa de organização. Rómpendo com o hábito errado e perigoso (que vinha sendo regra) de exagerar os êxitos e de esconder e não analisar as debilidades e insucessos, a Comissão Política considerou com verdade e realismo a situação da organização do Partido com vistas à eliminação das deficiências existentes e ao progresso geral do Partido.

A organização

é o melhor índice da força do Partido

O número de membros do Partido e a sua composição social, a estruturação e o funcionamento regular dos organismos, a extensão da organização e a sua distribuição geográfica, as posições nos centros industriais e empresas assim como nos campos, são a melhor indicação da força do Partido, da sua ligação com a classe operária e com as massas e das suas reais possibilidades de mobilização popular. Não considerar assim a importância da organização, esquecer o que ela significa, é, objectivamente, subestimar o papel do Partido e da classe operária.

Na sua Resolução, a Comissão Política atribui o menosprezo do trabalho de organização a concepções políticas erradas, segundo as quais da «desagregação irreversível» da ditadura fascista resultaria o seu breve, fácil e pacífico colapso. Tais concepções, sobrestimando as próprias forças e subestimando as forças fascistas, correspondeu à crença num certo automatismo na solução do problema político português. A sobrestimação das próprias forças conduziu a uma falsa ideia da grandeza do Partido, a um certo cultivo das aparências. A falta de discussão dos problemas de organização, a falta de interesse pelos balanços da organização, filiou-se (no espírito de alguns camaradas) no receio de que os nú-

meros desmentissem o panorama optimista e as ideias duma grandeza formal e artificial do Partido. Em vez de se reconhecerem francamente as debilidades da organização, criou-se um «estado de espírito» da sua ocultação sistemática, do silêncio sobre elas. Cuidou-se erradamente que se é mais forte pelo facto de se repetir, mesmo sem fundamento, que se tem mais força. Apesar do grave recuo da organização ao longo dos anos, insistiu-se em ocultar esse recuo aos nossos próprios olhos, encontraram-se «compensações» para esse recuo, criaram-se «teorias» acerca da «diferença entre a influência de massas e a força orgânica» da «maior importância da qualidade que do número» (sem aliás a qualidade ter melhorado) e não poucas vezes se insistiu em (termos gerais) em afirmar progressos de organização, quando a realidade era a estagnação e o retrocesso.

Todas estas concepções e processos explicam largamente o desinteresse pelas questões de organização, o menosprezo efectivo pela organização do Partido, o facto da imprensa do Partido ter deixado quase de abordar problemas de organização e ter deixado quase de dar consignas de organização.

Pensar-se e afirmar-se que se é grande, influente e forte com uma organização pequena, fragmentada e débil, não é apenas um erro que leva a posições táticas perigosas (podendo nalguns casos converter-se em catástrofes, mas também, de certa forma, uma atitude demagógica completamente estranha ao marxismo-leninismo.

Para que o Partido seja forte tem de ter uma forte organização. Este é um princípio básico que nem um momento pode ser esquecido. Se queremos construir um grande Partido, construamos uma poderosa organização.

Precisamos de um Partido incomparavelmente mais forte

Na sua Resolução, a Comissão Política indica como os efectivos do Partido se conservam estacionários há 8 anos, como os efectivos actuais correspondem a menos de um quarto do máximo alcançado

na clandestinidade, como há lacunas em províncias inteiras, importantes cidades e centros industriais, como este grave recuo orgânico é ainda agravado pela falta de estruturação.

A estagnação da organização do Partido ao longo dos últimos 8 anos e o seu retrocesso se compararmos com períodos anteriores é tanto mais surpreendente quanto é certo que as condições objectivas para o alargamento da influência e da organização e o completo menosprezo pelo trabalho de organização explicam em larga medida esse retrocesso e essa estagnação.

Se quisessemos iludir os factos, podíamos encontrar motivo de satisfação no facto de o Partido apresentar presentemente os mais elevados efectivos dos últimos anos. O aumento é entretanto tão insignificante que não permite falar em progresso. Devemos considerar os factos com verdade e realismo e partir da situação tal como existe e não tal como desejaríamos que existisse.

Porque se tomaram os desejos por realidade, porque se pensou que sem uma forte organização nacional se podiam dirigir movimentos nacionais, o Partido sofreu dolorosos insucessos. Quando se pensa numa acção política têm necessariamente de se fazer contas à força organizada de que se dispõe. Salvo casos excepcionais, a envergadura da acção política está em relação directa com a capacidade e força orgânica.

Organicamente, o Partido está hoje longe de viver uma situação que lhe permita ter na política nacional a influência, a acção de esclarecimento, o poder mobilizador, que a situação política nacional e internacional reclama. Iludir esta verdade, temer esta verdade e continuarmos auto-satisfeitos, seria uma posição indigna dum partido leninista, seria continuar esquecendo e ocultando as nossas debilidades orgânicas, seria condenarmos a aceitá-las como irremediáveis, seria conformarmos-nos com elas, seria condenar o Partido e a classe operária a um papel secundário, seria entregar a hegemonia do movimento democrático à burguesia liberal ou às forças conservadoras.

A nossa força orgânica é insatisfatória. Para que o Partido possa cumprir a sua missão política, tem de sair decididamente da estagnação orgânica, tem de atingir e ultrapassar a força orgânica já atingida noutros períodos da sua vida clandestina. Precisamos de um Partido incomparavelmente mais forte do que presentemente temos.

E da compreensão da gravidade da situação e da grandeza do nosso objectivo que temos de partir para vencer as nossas dificuldades presentes. E vencê-las-emos se todo o Partido for ganho para a ideia de vencê-las. O Partido conta com quadros dedicados e firmes, conta com larga influência, conta com recursos de propaganda, conta com uma organização com condições de ser o ponto de partida para a edificação duma forte organização à escala nacional.

As tarefas de organização são hoje tarefas centrais e decisivas para a vida presente e futura do Partido. Temos de recrutar largamente, temos de alargar a organização por todo o país, temos de consolidar

e desenvolver as organizações nos centros industriais, nas principais empresas, entre os camponeses e a intelectualidade, entre as mulheres e os jovens, e temos de estruturar todo o Partido.

Um esforço imediato para estruturar o Partido

Tão grave como a fraqueza dos efectivos e a pouca extensão da organização é a débil estruturação. «As ligações individuais (salienta a Comissão Política) são o aspecto mais característico da orgânica partidária no momento presente». Uma tal situação enfraquece extraordinariamente a influência, o dinamismo, a capacidade mobilizadora e dirigente e a unidade de pensamento e acção das organizações do Partido. Além disso, impede que se conheçam, seleccionem, ajudem e promovam justamente os quadros e facilita a acção repressiva da polícia fascista.

A sólida estruturação do Partido, com a formação de organismos de direcção regional, local, de empresa, etc., é uma tarefa de realização imediata em todos os sectores e em todos os escalões do Partido.

Uma das maiores dificuldades que se encontram para a estruturação do Partido provém dos próprios funcionários do Partido, dos seus hábitos e vícios de trabalho individual. De há muito, os funcionários do Partido substituem em geral, na sua actividade corrente, os organismos de direcção intermediários e até os de base. Habitua-se a dispensar tais organismos, julgando que podem fazer individualmente o trabalho que lhes competiria. Esses vícios enraizaram-se de tal forma em alguns camaradas que passaram a considerá-lo um estilo normal e desejável de trabalho, deixaram de esforçar-se para estruturar a organização, deixaram mesmo de considerar viável a estruturação e encontram para isso uma série de pretextos: que os militantes de base receiam e não querem a estruturação, que não há quadros preparados para ela, que indo o funcionário sempre o trabalho corre melhor, etc. A verdade é porém que, salvo casos raros, em toda a parte onde há alguns membros do Partido é possível estruturar a organização. O mal não está em não haver condições para ela: o mal está em não se ter querido ou sábio realizá-la. Quando o trabalho individual e individualista do funcionário se opõe à estruturação, o funcionário, por muito que se esforce, que se desloque, que se canse e esgote numa infinidade de ligações individuais, converte-se, não num impulsor da organização, mas num entrave ao seu desenvolvimento.

A falta de estrutura não prejudica apenas a acção e influência do Partido e a mobilização de massas ela entrava o próprio desenvolvimento da organização. Os funcionários não podem acorrer a todo o lado, camaradas isolados não podem atender à multiplicidade das tarefas que se lhes colocam e a falta de comités locais, secretariados de célula e outros organismos reflete-se imediatamente em dificuldades para o desenvolvimento da organização, na perda constante de possibilidades. Ligações e con-

tactos individuais podem manter-se e em muitos casos se mantêm durante anos, mas só quando de membros do Partido dispersos e isolados se passa para organizações e organismos com funcionamento regular, essas «ligações» e «contactos» se podem multiplicar e a organização pode conhecer um amplo desenvolvimento.

O Partido precisa que os seus activistas compreendam que, no actual momento, precisamos de bons agitadores e propagandistas, mas precisamos acima de tudo de bons organizadores.

Quadros firmes e ligados às massas

O desenvolvimento político dos quadros tem sido demorado e dificultoso e alguns camaradas, em vez de progredirem, têm perdido qualidades (além de resistência física) na lufa-lufa do trabalho individual. Não aparecem, como seria de desejar, quadros novos, particularmente quadros operários, animados de combatividade, de dedicação, de ardor revolucionário, de desejo de progredir. Os responsáveis dos sectores, quando convidados a darem uma informação dos quadros dos seus sectores, mostram um desconhecimento quase absoluto de quem eles são.

Esta situação é um resultado das debilidades de organização, da falta de estruturação, de trabalho colectivo e de vida política, e também da falta de interesse e atenção pelos quadros do Partido, particularmente pelos dos organismos inferiores e da base.

Poderá isto significar que não existam homens, que não existam na base do Partido e em organismos de direcção da base membros do Partido, com as qualidades essenciais para se desenvolverem rapidamente como quadros do Partido? Não, não significa isso. O Partido conta com militantes fiéis, tenazes, valentes, talentosos, — militantes capazes de, com a ajuda do Partido, evoluírem rapidamente. A continuidade de actuação de muitas organizações e camaradas, a prontidão de muitos a prestarem o auxílio solicitado, as constantes lutas de massas impulsionadas por membros do Partido, mostram como não falta no nosso Partido matéria-prima para forjar quadros capacitados. O que sucede é que jamais o Partido forjará novos quadros, se continuarmos a esperar que eles nos apareçam feitos, se continuarmos a pensar que os quadros se podem formar e desenvolver isolados, sem pertencerem a qualquer organismo sem qualquer trabalho colectivo.

Não é em contactos individuais rotineiros, em que se trocam meia dúzia de palavras e se entrega ou recebe imprensa, que os quadros se podem revelar. Em tal tipo de contactos, o que se conhece melhor é o que os camaradas dizem, quando, para o bom conhecimento dos quadros, para a sua selecção, para a sua caracterização com vistas à sua promoção, se interessa o que os quadros dizem, interessa sobretudo o que eles fazem. Os quadros conhecem-se na participação em organismos do Partido, num ambiente de trabalho colectivo, na execução das tarefas desse organismo, na acção de massas. Estructure-se o Partido, formem-se organismos, dê-lhes vida política, estimule-se a ini-

ciativa, procure conhecer-se e acompanhar-se a vida de cada organismo e a participação de cada um dos seus membros, — e os quadros aparecerão.

O envelhecimento que se tem verificado dos quadros do Partido, pela idade e cansaço de uns, pela prolongada rotina e viciação em maus métodos de trabalho de outros, pela falta de renovação em geral, constitui um perigo sério para o Partido. O Partido tem uma necessidade urgente de quadros novos, firmes, ligados às massas. A constituição de organismos e o seu funcionamento regular, o seu trabalho colectivo, a sua vida política e actuação de massas, permitirão que se revelem tais quadros. Estejam os organismos de direcção atentos a eles, observem-nos, acompanhem-nos, vigiem-nos, ajudem-nos, estimulem-nos, e o progresso dos quadros será rápido e seguro.

Acção de todo o Partido para melhorar o trabalho conspirativo

Tem-se insistido muito nos últimos tempos na necessidade duma viragem radical no trabalho conspirativo. Tem-se criticado a insistência em processos inadequados e o relaxamento da disciplina em matéria conspirativa. Terá porém resultado dessa insistência a viragem radical que se impõe? Ter-se-á verificado um esforço sério por parte das organizações e de cada camarada para cumprir com mais rigor as regras conspirativas, para melhorar a organização do seu trabalho de forma a melhor defender o Partido e defender-se a si próprio? Não, isso não se tem verificado. Os organismos de direcção do Partido em todos os escalões ainda não compreenderam toda a gravidade da presente situação conspirativa, ainda não compreenderam (na sua exacta medida) os perigos iminentes que cercam as nossas organizações e os nossos quadros. Insistem por isso numa posição não-te-rais, nos hábitos de relaxamento e de indisciplina, num podre liberalismo para com as faltas conspirativas. Não se trata de um mal exclusivo de organismos intermédios. Trata-se de um mal de todo o Partido. Algumas das recentes prisões poderiam certamente ter-se evitado, se alguns camaradas não tivessem feito ouvidos moucos a críticas, discussões e decisões sobre trabalho conspirativo, se não tivessem insistido em tipos de deslocação, em horas e sítios de encontros, há muito expressamente condenados. Deve dizer-se com toda a clareza que o relaxamento, o espírito de facilidade, a leviandade, o aventureirismo, a falta de disciplina em matéria conspirativa, instalaram-se de tal forma nos quadros do Partido que o Partido pode sofrer mais baixas a curto prazo.

Não bastarão artigos na imprensa central em que se aborde este problema, não bastarão discussões na Direcção central, circulares e instruções verbais, para que se opere a viragem radical do trabalho conspirativo que se impõe. Para que ela se opere será necessária uma grande batalha de todo o Partido, do topo à base: uma batalha contra as concepções políticas que subestimam a força ainda vigorosa do fascismo, contra os métodos mais fáceis de actividade, contra o vicioso frenesi de movimenta-

ção que afinal se traduz numa maior lentidão na execução das tarefas, contra hábitos de desorganização, de atabalhoamento, de leviandade, de personalismo, de indisciplina, que têm feito escola. Essa grande batalha tem de ser travada por todo o Partido e só na medida em que seja ganha para essa batalha a compreensão, a diligência, a vigilância, a combatividade, a intransigência, da maioria das organizações e membros do Partido, só nessa medida ela poderá ser ganha.

As organizações de base e os camaradas sem responsabilidades de Direcção não devem ficar à espera que os seus controladores imprimam ao trabalho conspirativo um novo estilo e um novo rigor. As organizações de base e os camaradas sem responsabilidades de Direcção devem tomar a iniciativa de fazer discutir nos seus sectores o trabalho conspirativo, de exigir que sejam melhorados os métodos de trabalho e que as normas estabelecidas sejam cumpridas por todos sem excepção. Devem exigir que os bons exemplos partam de cima e combater com intransigência, tanto os não-te-rais que não

dão importância ao trabalho conspirativo, como os Frei Tornaz do trabalho conspirativo, que sabem muito bem pregar como se deve fazer, mas que não fazem como apregoam.

Se não se melhorar radicalmente o trabalho conspirativo, todo o esforço para desenvolver a organização do Partido ficará comprometido. De pouco vale recrutar novos membros e alargar a organização, se daqui a pouco, pelo nosso mau trabalho conspirativo, as entregamos ao inimigo, se, por mau trabalho conspirativo, se recebem a seguir golpes policiais que inutilizam em momentos longos esforços e sacrifícios.

Sendo certo que o desenvolvimento da organização e especialmente a sua estruturação são uma das melhores defesas do Partido contra a repressão, não é menos certo que só o bom trabalho conspirativo, pode garantir o desenvolvimento das organizações do Partido e a continuidade da sua acção política. Daí toda a importância, no presente momento, da conjugação de duas grandes tarefas: as tarefas urgentes de organizar e de defender o Partido

O ABANDONO DAS ORGANIZAÇÕES

Há já um bom número de anos que se vem adoptando o critério dentro do Partido de deixar desligadas as organizações que em certo momento estão ou se supõe estarem debaixo do foco policial. Este critério, como critério geral, é errado, seja qual for a razão com que se pretenda justificá-lo. É natural e necessário que se efectuem recuos sempre que o inimigo ataca estando nós numa posição desvantajosa, quer este ataque resulte da traição de algum elemento, quer não, mas recuar nunca pode significar deixar as organizações e camaradas abandonados e entregues à sua sorte.

Na nossa luta diária contra um inimigo tão cruel e experiente como é o governo fascista e a sua polícia política, teremos não poucas vezes que fazer recuos, umas vezes maiores outras menores, segundo as posições e armas com que o inimigo nos ataca e aquelas de que dispomos. Mas, seja em que circunstâncias for, é dever do Partido nunca recuar desordenadamente, mas antes fazê-lo em ordem, e passar a novas posições de onde nos seja mais fácil e seguro aguentar o choque e preparar a contra-ofensiva. Este passar a novas posições quer dizer, neste caso, que pode ser necessário deixar de contactar directamente com este ou aquele camarada ou organização, pode ser preciso espaçar mais os contactos, pode ser preciso suspender temporariamente a imprensa ou reduzi-la, deixar de fazer agitação, etc. Mas todas essas medidas devem, como regra, ser do conhecimento dos camaradas a quem dizem respeito, de maneira a que não possam ser mal interpretadas, mas, ao contrário, que sejam vistas como uma necessidade da defesa do Partido. Para que tal aconteça, é preciso nunca perder completamente e de súbito os contactos com a base, nunca faltar com ajuda maior ou menor, directa ou indirecta, aos organismos e camaradas que estão a ser alvo da repressão, pois é nes-

sa altura que eles mais carecem dela.

Teremos nós nestes últimos anos procedido sempre de acordo com esta orientação? Não. O que tem muitas vezes acontecido é que, perante as traições e ofensivas policiais, temos simplesmente cortado os contactos e deixado as organizações e camaradas completamente desligados, sem uma explicação, sem instruções, sem muitas vezes sabermos o que se passa. Este facto, já por si bastante mau, é ainda agravado com os atrasos com que se retomam os contactos, atrasos esses que atingem muitos meses quando não anos. Resultam daqui deserções, perda de perspectivas e de amor ao Partido por parte de muitos camaradas, perda de contacto com camaradas que mudam de emprego ou de terra, enfim, pode dizer-se que, se a acção policial nos tem roubado não poucos camaradas, a nossa maneira de actuar, em alguns casos, não nos tem feito perder menos.

As razões que têm sido apresentadas para tal procedimento relacionam-se com a defesa do Partido e dos funcionários, mas, no fundamental, ele deve-se a não se dar a devida importância ao que são e ao que representam as organizações do Partido, ou seja, à subestimação do papel da classe operária e das organizações do Partido na luta pelo derrubamento do fascismo. Desta subestimação resultou, não apenas o abandono de algumas organizações e camaradas, mas o enfraquecimento geral de toda a organização e uma péssima estruturação da existente, que se evidencia no número reduzido de organismos e nos hábitos individualistas de trabalho. Devido a esse tipo de trabalho, caímos numa espécie de círculo vicioso: na medida em que tornamos o trabalho mais individual e concentramos as tarefas mais e mais nas mãos dos funcionários, mais deixamos vulnerável a organização e os quadros aos golpes do inimigo, e quan-

to mais golpes este nos desferir, mais individual tornamos ainda o nosso trabalho. Daqui tem resultado muitas vezes as organizações ficarem abandonadas somente porque um funcionário é preso; como só a ele está confiado o controle de todas as pontazinhas, muitas das quais só ele conhece, algumas acabam por se perder. Com este tipo de trabalho, não defendemos a continuidade do trabalho das organizações nem fazemos quadros. Em vez de dirigentes, formamos especialistas de marionettes, puxando uma infinidade de cordelinhos em que eles mesmos se enrolam, por mais esforços que façam para o evitar.

Tem havido por vezes a tendência para estabelecer um certo fosso entre a Direcção e os funcionários do Partido de um lado e o resto do Partido do outro. A valorização dos funcionários quando desproporcionada em relação à base não pode deixar de contribuir para o abandono das organizações, uma vez que perante o perigo o que no fundamental se pensa é salvar os funcionários, esquecendo-se tudo o mais. Tal atitude não é de maneira nenhuma correcta, nem pode ser compreendida pela base do Partido. É evidente que a preocupação de defender os funcionários do Partido é justa, mas essa defesa não pode ser feita de forma desordenada e a cheirar a «salve-se quem puder», como algumas vezes parece fazer-se.

Se tivesse sempre havido o cuidado de ouvir a base, desde há muito se teria verificado haver discordâncias quanto a esta orientação. Há casos conhecidos de camaradas que foram deixados debaixo do fogo do inimigo durante bastante tempo, sem que soubessem o que estava a acontecer. Algumas vezes o inimigo não actuou, mas outras vezes também aconteceu que, havendo tempo de prevenir quadros que estavam visados, tal se não fez, pelo que eles foram atacados sem estarem prevenidos e portanto com mais reduzidas possibilidades de se defenderem. Noutros casos, cortaram-se totalmente ligações com organizações e camaradas que não estavam realmente «queimados», que não tinham sido localizados e que se perderam assim, apenas porque se não soube encontrar uma solução orgânica apropriada às circunstâncias, uma solução que, assegurando a defesa, assegure também a existência e a continuidade das organizações nas novas condições impostas por uma ofensiva policial. Situações destas não têm sido, nem podiam ser, compreendidas por muitos quadros, alguns dos quais, ao fim de vários anos, ainda consideram isso uma falta grave do Partido e designadamente da Direcção. Temos de reconhecer que a razão está do seu lado.

Também não tem havido uma orientação correcta por parte dos camaradas e organizações que ficam desligados. É evidente que, perante um aparelho repressivo tão poderoso como o existente no nosso país, pode acontecer por vezes, por mais esforços que se façam para o evitar, que algumas organizações e camaradas fiquem desligados. Quando tal acontece, além dos esforços da Direcção, há também o dever de cada camarada, de cada organização, de procurar cumprir o artigo 6 dos Estatutos, que estabelece que cada militante tem o dever

de «continuar a desenvolver a actividade Partidária no caso de perder o contacto com o Partido e esforçar-se por restabelecer prontamente esse contacto». Analisando aquilo que tem acontecido com a maioria das organizações e camaradas desligados, verifica-se que tal dever não tem sido cumprido, ficando tudo paralizado, tudo à espera que sejam os outros a restabelecer a ligação. Tal procedimento não é correcto. Os comunistas, estejam em que circunstâncias estiverem, além dos esforços que lhes cabe desenvolver para retomarem o contacto, se estão desligados, têm o dever de manter uma permanente actividade, dentro da orientação do Partido que já conhecem. O militante comunista não realiza tarefas apenas porque um organismo superior, ou um controlador lhes coloca, ele realiza-as acima de tudo pela noção que deve ter do seu papel de lutador de vanguarda, de dirigente e condutor de massas. Só em circunstâncias muito especiais e por interesse do Partido, um comunista se pode manter inactivo.

Há camaradas que por vezes não actuam com medo de não fazerem bem, de não interpretarem correctamente a linha do Partido. É claro que isto pode acontecer, mas, esforçando-se cada um para seguir o mais fielmente possível a linha do Partido, sempre é preferível que se cometam alguns erros actuando, do que se ficar inactivo com medo de cometer alguma falta.

A desligação das organizações e a sua inactividade conduzem, além do mais, a uma certa falta de confiança da base em relação à Direcção do Partido e à falta de confiança de camaradas da base entre si. Num sector que esteve muito tempo desligado, tem acontecido diversos camaradas recusarem entregar dinheiro que têm para o Partido e recusarem ficar ligados, por terem perdido a confiança nos camaradas que os procuram (apesar de os conhecerem há muito), em virtude desses camaradas terem estado longo tempo sem aparecer, deixando as organizações desligadas. Como estas, outras situações demonstram que o abandonar as organizações cria desconfianças e confusões e aumenta ainda mais as nossas dificuldades.

Pode concluir-se que, de maneira geral, abandonar organizações ou deixar que elas se mantenham completamente inactivas, longe de evitar males maiores, os agrava ainda mais. Quando algumas organizações ou camaradas estão sendo alvo duma ofensiva especial da polícia, quando se admite que estejam localizados ou possam vir a está-lo a curto prazo, a preocupação de defender o Partido e os seus quadros deve ser a preocupação predominante. Isto não pode porém significar (salvo em casos muito excepcionais) cortar bruscamente, totalmente, sem qualquer explicação dada por via directa ou indirecta, com tais organizações ou camaradas. Deverá harmonizar-se as medidas para impedir que camaradas funcionários e outros camaradas possam «cair na boca do lobo» e que outras organizações possam sofrer da repressão que cai sobre aqueles, com as medidas para que as organizações e os quadros legais, alvo da ofensiva policial, se possam defender o melhor possível, prevenindo-se contra qualquer eventualidade, afastando da actividade ou

substituindo por quadros novos os quadros ameaçados, remodelando processos de trabalho, abstendo-se de certas actividades, etc. Não pode haver uma solução única para todas as situações. Cada caso deve ser estudado nos seus aspectos próprios e as medidas encaradas devem ter em conta esses as-

pectos próprios. Mas, em todos os casos, deve haver, a par da preocupação da defesa dos controladores (funcionários ou não) e de todo o resto do Partido, a preocupação da defesa das organizações e camaradas ameaçados, como carne da carne do Partido que se não pode largar nem perder.

SUBSTIMAR O CARÁCTER DO FASCISMO É EXPOR O PARTIDO A NOVOS GOLPES

Em palavras todos mostramos compreender que o fascismo «*é a ditadura mais terrorista do capital financeiro*», que é um poder cruel, que é o poder dos monopólios sem-pá-ria para quem o super-lucro é a lei que esmaga tudo; que a repressão, o terror a ilegalidade é a única lei válida que o governo fascista de Salazar conhece contra todo um povo que aspira a uma vida melhor, à democracia e à paz; que as forças repressivas são armadas, treinadas e reforçadas com novos contingentes com o objectivo de impedir e esmagarem pela violência as mais pequenas manifestações das massas populares pela liberdade e por melhores condições de vida e de trabalho; que à disposição do bando de criminosos da PIDE são postos todos os meios técnicos, financeiros, científicos, etc., com vista ao enfraquecimento do Partido Comunista Português, etc., etc.. Porém, na actividade prática, desgrazadamente, nem sempre esta justa constatação é tida em conta, do que resulta, em certa medida, facilitar o trabalho criminoso do bando da PIDE contra o Partido e os seus militantes.

Mas não corresponde o que dissemos atrás à realidade? Sim, corresponde. Em Portugal foram suprimidas todas as liberdades democráticas; os trabalhadores viram suprimidos os seus sindicatos; a greve é considerada um crime e reprimida como tal; os monopólios apoderam-se a par e passo de toda a riqueza nacional e impõem a lei e a sua onipotente vontade; a PIDE persegue, prende, tortura e assassina; os tribunais plenários são verdadeiras fábricas de condenações; à sombra das céleradas «medidas de segurança» os presos são mantidos na prisão indefinidamente; a censura impede que os trabalhadores portugueses tomem conhecimento do que se passa no mundo e inclusive do que se passa no seu país; nas prisões políticas cometem-se as maiores arbitrariedades (a alimentação é má, recusa-se tratamento médico e hospital aos presos, proibem-se as visitas, correspondência, etc.; os presos terminam as penas e continuam nas prisões anos e anos, etc., etc.).

Pois bem, apesar de toda esta dura realidade a actividade conspirativa do Partido continua a acusar muitas debilidades. Alguns camaradas comportam-se como se actuassem num país onde o Partido fosse legal. Inclusive camaradas que já sofreram na própria carne torturas de toda a espécie e passaram muitos anos na prisão, não têm em conta o carácter do fascismo. Se assim não fosse depressa com-

prenderiam que quando o nosso Partido discute a situação conspirativa e toma medidas em conformidade é da sorte do Partido e do movimento que se trata e não apenas deste ou daquele camarada. Daí a necessidade de todos sermos cuidadosos e cumprirmos as medidas conspirativas aconselhadas. Mais, cada um de nós, cada comunista, deverá colocar a si próprio a necessidade de ser vigilante, cuidadoso, procurar defender-se e defender os seus camaradas da repressão fascista por meio de uma correcta actividade conspirativa, e procurar descobrir os bucos nos seus locais de trabalho, como actuam estes miseráveis e como os agentes da PIDE contactam com eles, assim como todas as manobras da PIDE e de outras forças repressivas.

Os camaradas que se mostram sobrecegados ante a dura realidade fascista, poderão ser considerados muito valentes e até heróis, mas, acima de tudo, eles mostram-se irresponsáveis. Nas condições presentes camaradas com tais concepções, pensando estar a ser muito úteis, podem tornar-se mais prejudiciais ao Partido do que úteis, embora isto possa parecer duro. Com toda a boa vontade, dedicação e espírito de sacrifício, cada um de nós se se mostra ligeiro ante a realidade fascista, se não procura cumprir as normas conspirativas estabelecidas pelo Partido, se não é disciplinado, se não procura a ajuda e a opinião do colectivo, longe de contribuir para defender o Partido e defender-se a si próprio pode contribuir para expor o Partido aos golpes do inimigo, para facilitar a acção criminosa da PIDE.

Dizemos que pode facilitar a acção da PIDE, porque realmente algumas das baixas ultimamente sofridas pelo Partido podem não ter resultado somente da actividade da PIDE, com toda a sua formidável rede de bucos, mas também pode ter tido a facilitá-las não poucas asneiras no domínio conspirativo dos camaradas que caíram nas mãos do inimigo e daqueles com quem mantinham contactos.

Isto significa que todo o militante na sua actividade não pode pensar apenas em si. Ele deve, pensar sempre em realizar um correcto trabalho conspirativo para se defender a si e aos camaradas com quem contacta para a realização das suas tarefas. Aquele que pensa que das suas acções só ele pode ser a vítima, vê mal o problema. Se só ele fosse o Partido seria, assim, mas, felizmente, o Partido é mais alguma coisa do que nós próprios. Nenhum de nós está isolado. Para realizarmos as nossas ta-

refas temos necessidade de contactar com outros. Mas mesmo quando uma prisão mais nenhuma consequência traz além da perda do próprio camarada, ela acarreta prejuízos de várias ordens ao Partido e ao movimento.

Não há dúvida nenhuma que não ter na devida conta a intensificação da repressão que contra o Partido é movida por todas as forças repressivas sob o comando directo do bando da PIDE, não reparar seriamente nos meios de acção que são postos em movimento contra os comunistas (redes de bufos nas fábricas, nas escolas, nas repartições, nos quartéis, em todos os lugares públicos, nas aldeias, vilas e cidades; transportes com aparelhos receptores e transmissores colocados em lugares estratégicos; vigilância permanente em todos os meios de transportes através de agentes camuflados de empregados, ou de bufos recrutados entre a escória do proletariado dos transportes; bufos e agentes transformados em pedintes ou em «revoltados» a dizerem mal da situação alto e bom som para descobrirem os opositores ou simplesmente descontentes, etc.), não ter na devida conta e não reparar em tudo isto, é nem mais nem menos do que jogar a liberdade pessoal ingloriamente e poder contribuir, na altura ou mais tarde, para a prisão de outros. Porque se nós não repararmos no que nós rodeia podem os agentes policiais e os bufos reparar em nós e com quem contactamos.

Ainda recentemente por um camarada não ter em conta esta dura realidade e as mais elementares normas conspirativas do Partido, andava com tal avontade por determinados locais que dava a ideia que para ele não existia fascismo. O resultado foi que só por acaso não foi vítima da sua própria ligeireza, o que só por si já seria muitíssimo mal. Mas como, os membros do Partido não actuam isolados, a sua ligeireza e irresponsabilidade podia contribuir para a prisão de outros camaradas com quem estava em contacto, se é que já não resultou, ou não virá ainda a resultar sem que nunca o venhamos a saber.

Um segundo camarada esqueceu-se de papéis em determinado local que a serem apanhados poderiam pôr no conhecimento do inimigo métodos de trabalho partidário que ignora.

Um terceiro camarada esqueceu-se de documentos do Partido de forma a poderem ser vistos por pessoas estranhas ao Partido, provocando com isso prejuízos de várias ordens ao trabalho partidário, pondo em perigo a sua liberdade pessoal e a de camaradas com quem contactava.

Um quarto camarada, este com a agravante de ser dos quadros centrais, esqueceu-se de aponta-

mentos em local que podiam provocar a prisão de um outro camarada, ou mesmo de vários, pois ignorava-se a presença desses apontamentos misturados com coisas legais.

Um quinto camarada mais do que uma vez enviou junto com coisas legais documentos que o localizavam. A prisão de quem os transportava acarretaria por sua vez a prisão do dito camarada e possivelmente de outros, com a agravante de não se saber de que lado nos chovia.

Num determinado local, porque não houve o devido cuidado na marcação de encontros resultaram movimentações desnecessárias, atrasos na realização de tarefas e prejuízos de outra ordem.

Num outro local, para um encontro com um camarada, porque mal orientado, juntaram-se vários camaradas sem necessidade nenhuma.

Estes factos de flagrante falta de cuidado, de desrespeito pelas normas conspirativas estabelecidas e de uma avontade inconcebível nas condições de uma ditadura fascista, mergulham as suas raízes numa subestimação do carácter do fascismo.

Poder-se-á dizer: um esquecimento qualquer um pode ter.

Efectivamente isso pode acontecer a qualquer. Pensamos, entretanto, que a nossa primeira obrigação, em particular dos camaradas esquecidos é procurar as causas porque foram possíveis tais esquecimentos, avaliar os prejuízos causados e aqueles que poderiam ter resultado de tais esquecimentos. Devemos reparar que poderiam ter provocado prisões sem sabermos depois explicar as suas causas. E isto é tanto mais grave quando, como é sabido, terem-se dado prisões para as quais ainda hoje não podemos encontrar razões cabais. Não será, justo, pois, que os camaradas em causa pensem maduramente nos prejuízos que os seus esquecimentos provocaram já, nos que poderiam ter causado e também nos que poderão ainda causar, e que o Partido exija que casos destes se evitem?

Não será justo, por outro, lado que os camaradas que não marcaram os seus encontros com a devida atenção revejam o seu estilo de trabalho de forma a evitarem-se repetições de encontros mal marcados?

Não será justo ainda que os encontros sejam orientados de forma a evitarem-se aglomerações de camaradas?

Sim, é justo, e mais do que isso: o Partido tem o direito de exigir uma actividade mais cuidadosa em matéria conspirativa, o cumprimento das regras conspirativas estabelecidas e de tomar as medidas necessárias contra os indisciplinados.

Sem organização não é possível levar à prática a linha política do Partido. Tarefas de tão grande envergadura como a da unidade da classe operária e a unificação das forças anti-salazaristas, a luta pela solução pacífica do problema político nacional e a realização do programa do Partido, não poderão realizar-se se não tiverem a impulsão-las a organização do Partido.

Daqui decorre que uma atenção fundamental tem de ser dada ao nosso trabalho organizativo, ao alargamento e consolidação das organizações do Partido, à criação e funcionamento regular de organismos colectivos, à ligação do Partido com as massas.

(Do Informe do camarada João ao V.º Congresso)

PREPARAR COM ANTECEDÊNCIA AS ELEIÇÕES NOS SINDICATOS NACIONAIS

As eleições nos Sindicatos Nacionais realizam-se habitualmente no princípio do ano. Mas realizam-se também noutras alturas e os dirigentes fascistas dos Sindicatos têm muitas vezes antecipado de surpresa a data das eleições para não dar tempo aos trabalhadores para se prepararem para elas. As organizações do Partido devem estar vigilantes, a fim de orientarem os trabalhadores, não só para as eleições que se realizam nas épocas previstas, como também para as eleições realizadas em momentos arbitrariamente escolhidos pelas Direcções fascistas.

Em todos os Sindicatos onde se possa admitir a realização de eleições dentro de poucas semanas ou meses, as organizações do Partido não devem perder tempo para tomar a iniciativa com vistas à preparação dos trabalhadores para elas.

A popularização entre todos os trabalhadores sindicados da ideia de concorrer às eleições para expulsar as Direcções sindicais fascistas deve começar a ser levada a cabo desde já, não esquecendo (como tem acontecido por vezes) os trabalhadores sindicados fora da localidade da sede do sindicato.

A elaboração de Listas de Trabalhadores Honrados (uma única para cada Sindicato) também não pode ser deixada para a última hora. É desde já que, em cada sindicato, se deve pensar nos homens com condições para serem propostos, interessando pessoas honestas e prestigiadas na classe, quaisquer que sejam as suas opiniões políticas e crenças religiosas. Não deve ser esquecido verificar com bastante antecedência se os trabalhadores propostos têm a sua situação sindical regular, pois mais que uma vez as listas de Oposição têm sido anuladas com pretexto na irregularidade da situação dos propostos. A regularidade da situação sindical dos que propõem a Lista é também indispensável.

Em toda a preparação para eleições nos Sindicatos, as organizações do Partido e os trabalhadores de vanguarda devem ter uma preocupação constante: conhecer as leis e os Estatutos dos Sindicatos e agirem dentro do estatuído, para poderem fazer frente às mistificações, burlas, falsificações e intimidações dos dirigentes sindicais fascistas, do Instituto Nacional do Trabalho e do patronato reacçãoário.

RECTIFICAÇÃO

Na Resolução da Comissão Política sobre o Trabalho Militar, publicada no «Militante» n.º 106, há um erro tipográfico que altera o sentido político da frase e que deve ser corrigido.

No final desta Resolução, ou mais exactamente na 3.ª linha a começar do fim, a palavra **sectarismo** deve ser substituída por **secretismo**.

Desta forma, depois da palavra emendada, a frase ficará como a Comissão Política a aprovou:

«Todo o trabalho partidário entre as forças armadas deve ser caracterizado por um **secretismo** reforçado que obriga a medidas orgânicas especiais que devem ser tomadas em todos os sectores»

Todos os membros do Partido podem contribuir para o melhoramento de «O MILITANTE», como boletim do Comité Central, como órgão de orientação da actividade do Partido. Para isso devem escrever à Redacção de «O MILITANTE»;

- dando a sua opinião acerca da orientação geral de «O MILITANTE», dos problemas colocados e da forma como são colocados;
- transmitindo as suas experiências de trabalho, que lhes pareçam comprovar ou contrariar a orientação traçada em «O MILITANTE», ou que, a seu ver, sejam experiências novas;
- fazendo sugestões e críticas.

A Redacção de «O MILITANTE» está profundamente interessada nessa contribuição dos membros do Partido, que será uma contribuição, não apenas para o melhoramento de «O MILITANTE», mas também para o melhoramento de todo o trabalho político e da actividade geral do Partido.